

O PARA-OUTRO ENQUANTO DESCOBERTA DO PARA-SI NO PENSAMENTO DE JEAN-PAUL SARTRE

Polyelton de Oliveira **LIMA**¹

polyelton@gmail.com

Autor

Mestrando em filosofia – UFG

Martina **KORELC**²

Orientadora

Palavras-chave: para-si; liberdade; outro; para-outro;

Introdução

A discussão desenvolvida e articulada neste trabalho será engendrada, sobretudo, utilizando-se os conceitos de para-si e para-outro, amplamente mencionados na filosofia existencial de Sartre. O conceito de para-outro surge enquanto uma estrutura ontológica do ser perpassada pela estrutura fundante do para-si, isto é, o ser para-outro pode ser considerado como um desdobramento do ser para-si nas suas diversas manifestações. Para tanto, evidenciar-se-á, a partir da dimensão do ser para-si, o surgimento do outro enquanto um corpo constitutivo do mundo e que independe do para-si, mas que de certa maneira o marca e o incita. Assim, o corpo do outro não pode ser considerado como um corpo qualquer, mas um corpo consciente e livre; e que, acima de tudo, estabelece relações transcendentais, a partir do olhar, com os outros indivíduos.

Faz-se necessário destacar que Sartre compreende as estruturas ontológicas do ser a partir dos seres em-si e para-si. Por um lado, o em-si representa aquele ser que é o que é e não pode ser outra coisa além de si mesmo. O em-si é caracterizado por ser maciço, opaco e carregado de si próprio; sendo fechado em si mesmo e não mantendo relações de possibilidades. Por estas razões, o em-si não é um ser necessário, muito menos um ser possível, não é atividade e muito menos passividade. Portanto, o ser em-si é exatamente aquilo que se mostra, ou seja, apresenta-se como um ser-aí e, acima de qualquer coisa, um ser manifestamente

¹ Polyelton de Oliveira Lima é mestrando em filosofia pela Universidade Federal de Goiás – UFG e bolsista CAPES.

² Martina Korelc é professora do Departamento de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de Goiás – UFG.

contingente. Ademais, o em-si é contingente porque não estabelece relações possíveis ou necessárias com outros seres; é independentemente de qualquer coisa.

Por outro lado, o para-si, ao contrário do ser em-si, é aquele ser que busca a si mesmo. No entanto, este si não se encontra na própria consciência, visto que a consciência é o nada. O si que a consciência busca está fora dela mesma, está no mundo. Nesse sentido, o para-si vai ao encontro de si ao transcender a si mesmo e desejando aquilo que lhe falta, isto é, a sua fundamentação. Cumpre ressaltar que o para do para-si não é um movimento voltado para ele mesmo. Pelo contrário, esse para é o movimento para fora dele mesmo, o para que transcende a si mesmo. Isto quer dizer que o para do para-si será cristalizado pelo desejo que o para-si tem de apropriar-se de si mesmo.

Material e Métodos

Utilizar-se-á as obras de Sartre a fim de fazer uma reconstrução argumentativa dos conceitos de para-si e para-outro; e como ambos estão relacionados em “O ser e o nada”.

Resultados e Discussão

As estruturas ontológicas dos seres em-si e para-si foram abordadas e constituídas na obra de Sartre como um pressuposto fundamental para a tomada de consciência do indivíduo enquanto um ser constituinte do mundo-utensílio. Contudo, ao que parece, Sartre não identificou no para-si a única estrutura constitutiva e posicional do indivíduo como situação no mundo. A estrutura ontológica do para-si propõe o cuidado do indivíduo para consigo mesmo, articulando as relações com o mundo a partir da consciência intencional e tentando posicionar-se nesse mesmo mundo enquanto um ser livre e que sofre com a responsabilidade da liberdade. Outrossim, cumpre destacar que esse cuidado empreendido pelo para-si não se esgota no próprio para-si. Segundo Sartre, deve haver outro tipo de ser que leve em consideração outra estrutura ontológica e que seja radicalmente diversa do para-si, mas que o complementa.

Enveredando-se nessa proposta, há que se mencionar que o cuidado gerado pelo indivíduo a partir de sua estrutura transcendental cria no para-si um ser que pertence ao indivíduo, que é dado através dele mesmo e incitado por sua

consciência posicional de mundo. No entanto, das relações estabelecidas entre o para-si e o mundo não é possível a constituição de um ser que seja exclusivamente voltado para ele mesmo. Nesse sentido, falta um fundamento ao para-si, algo que preencha o seu vazio e que lhe proporcione um sentimento de posse. Contudo, o si escapa ao para-si; e, mais que isso, o para-si é provocado, incitado e levado a refletir sobre situações alheias a si mesmo. Assim, ao se deparar com o mundo e com os desdobramentos dessas possíveis relações, o para-si surge como sendo a própria realidade humana e sempre colocada em questão. Dessa maneira, de acordo com Sartre, a realidade humana é constituída como sendo uma consciência intencional que transcende a si mesma na tentativa de descobrir a si própria.

As estruturas ontológicas propostas por Sartre – em-si e para-si – o levariam a recriar o solipsismo identificado nos autores que o antecederam e dos quais foi árduo combatente quanto a essa questão. Destarte, nota-se que foi ao reconhecer no para-si uma abertura ao outro que Sartre propôs se distanciar daquelas assertivas que somente levaram em consideração o indivíduo enquanto um ser racional e consciente; que toda forma de conhecimento partiria dele mesmo; colocando o outro enquanto um mero objeto habitante dessa consciência. Portanto, a partir dessas questões, Sartre evidencia no para-si o surgimento da apreensão do outro e a conseqüente formulação de um ser para-outro.

Evidentemente, o para-si será a estrutura fundante de uma preocupação com o preenchimento do vazio e da angústia gerados a partir das conseqüências oriundas da liberdade. Ora, o homem é livre, porém, condenado à essa liberdade. Outrossim, a realidade humana, enquanto atitude intencional e reflexiva diante do mundo, constitui-se enquanto um ser para-si. Sendo assim, cumpre destacar que a estrutura do para-si será reveladora de outra estrutura igualmente importante no pensamento de Sartre.

Como forma de evidenciar essa outra estrutura que surge diante do para-si, Sartre exemplifica com a questão da vergonha. Ora, a vergonha pode ser uma relação reflexiva constitutiva do indivíduo; uma forma própria de o indivíduo pensar acerca daquelas questões ou ações vulgares que fogem ao seu controle e o colocam diante de alguma coisa. No entanto, a vergonha dá-se na tomada de consciência; não apenas enquanto uma atitude reflexa do para-si. Essa atitude de envergonhar-se revela um caráter eminentemente singular do para-si: só se tem vergonha diante de algo ou de alguém, diante de outro ser que também possui

consciência e que está diante daquele que se sente envergonhado. Portanto, a vergonha só pode ser possível caso haja outro ser diante do qual e pelo qual esse sentimento surge enquanto possibilidade de conduta reflexiva.

Seguindo este raciocínio, Sartre evidencia que do para-si surge também o para-outro, uma vez que o outro é o único mediador possível entre “mim” e “mim mesmo” (SILVA, 2004). Mas o que seria o outro? E como este ser conseguiria afetar a estrutura fundante da realidade do para-si? Inicialmente, há que se salientar que o outro é um objeto agregado ao mundo no qual também está inserido o indivíduo. Assim, poder-se-ia afirmar que a subjetividade solipsista colocaria diante do indivíduo outro ser humano somente enquanto representação sujeito/objeto. Não obstante, a proposta sartriana é clara ao mencionar que o outro não é um objeto qualquer que aparece diante de um indivíduo consciente. Se, como na vergonha, o outro conseguiu desestabilizar a realidade cotidiana daquele que foi tocado, incitado e envergonhado, pode-se afirmar que o outro não é um simples objeto constitutivo do mundo; o outro afeta a realidade do para-si e o transporta a outra estrutura ontológica – o para-outro.

Esse processo de apreensão do outro pelo para-si é realçado quando se coloca o ser para-si diante de outra estrutura ontológica constituída pelo surgimento daquilo que ele não pode ser, isto é, das relações constituídas com o outro, daquele que está aí, mas independe da vontade do indivíduo. A existência do outro se dá no momento em que o indivíduo se afeta enquanto consciência transcendida que é desestabilizada pelo olhar provocativo do outro. Ora, qualquer relação que incite o indivíduo a estabelecer uma apreensão daquilo que ele não é – do outro – o coloca diante de um conflito. Sendo assim, o ser para-outro nascerá enquanto conflito de consciências que interagem constantemente.

Desta maneira, de acordo com Sartre, as relações humanas serão estabelecidas mediante a intersubjetividade, isto é, os indivíduos constroem mutuamente a subjetividade alheia e interagem com a mesma. Os indivíduos compartilham e compactuam com as mesmas angústias, frustrações e decepções na medida em que convivem e encontram-se na mesma condição para se realizarem enquanto projetos de ser no mundo. Desta forma, cada indivíduo faz uso de suas ações e exercita sua liberdade a partir de suas escolhas, interagindo com suas possibilidades e vivendo de acordo com sua facticidade.

Conclusão

Não há que se crer na existência do outro; ele simplesmente existe no indivíduo enquanto aquilo que ele não pode ser. As condições entre os indivíduos são as mais diversas possíveis, uma vez que as facticidades, ou seja, o modo de ser de cada um é diferente. No entanto, há que se elucidar a existência de pontos comuns, como, por exemplo, o lugar enquanto situação no mundo. Desse modo, o estar-no-mundo caracteriza-se pelas circunstâncias de cada um. Assim, a situação é representada a partir do lugar, ou seja, dos espaços físicos que são ocupados pelos indivíduos e que se relacionam com a facticidade dos seres humanos. Por esse motivo, o para-si e o outro, enquanto indivíduos presentes e atuantes no mundo, correspondem a um nós, constituem um nós e sofrem dos mesmos traumas e angústias, isto porque são presenças conscientes e livres no mundo e gozam das mesmas características e circunstâncias inesperadas.

Portanto, há que se concluir dizendo que, para Sartre, a estrutura ontológica do ser será constituída pelos seres em-si, para-si e para-outro. Ora, a realidade humana é colocada em questão a partir de uma conduta interrogativa engendrada pelo para-si. Desta conduta surge o vazio, o nada e a angústia motivados pela descoberta da liberdade. No entanto, cada atitude reflexiva do para-si não o conduz a uma certeza ou prática do solipsismo. Muito pelo contrário, o para-si se descobre motivado e incitado por coisas e condutas alheias a si mesmo. Assim, o para-si descobre em si mesmo uma estrutura ontológica que é sua, mas revela também um ser que é seu sem ser completamente seu, uma vez que está relacionado com algo que foge ao seu controle e que está centralizado na figura do outro.

Referências bibliográficas

BORNHEIM, Gerd. Sartre. *Metafísica e existencialismo*. 3ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MOUTINHO, Luiz Damon. *Sartre: Existencialismo e liberdade*. São Paulo: Moderna Editora, 1995.

SARTRE, Jean-Paul. *O existencialismo é um humanismo*. Lisboa: Bertrand, 2004.

_____. *O ser e o Nada. Ensaio de ontologia fenomenológica*. 13ª Ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

SILVA, Franklin Leopoldo. *Ética e literatura em Sartre*. São Paulo: Unesp, 2004.